Ano XII — Lisboa, Novembro de 1956 — N.º 139

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

Câmara Pestana

I

1899. Declara-se no Porto uma epidemia de peste. O Dr. Ricardo Jorge, que estava à frente dos serviços de higiene da cidade, fez prontamente não só o diagnóstico clínico como o bacteriológico.

O caso era sério. Começa a falar-se na vinda de uma comissão de médicos estrangeiros com o fim de estudar a peste. O pessoal clínico não tem mãos a medir. Como se deve calcular, a tarefa é perigosíssima. Então, o Dr. Câmara Pestana faz este raciocínio:

—Nós, os portugueses, estamos em situação lamentável. O nosso material de estudo vai ser aproveitado pelos estrangeiros; portanto, a vantagem em conhecimentos, que se possa alcançar no combate à epidemia, vai para eles. Lá dizia o grande Pasteur que a ciência não tem pátria, mas os homens de ciência têm pátria...

Assim pensando, Câmara Pestana, com dois dos seus discípulos mais novos, parte para o Porto. Anda a correr, diz um seu biógrafo, «da cabeceira dos doentes para o cubículo das autópsias, do cubículo para o laboratório, sem um desfalecimento, sem um momento de descanso».

Dias depois, na primeira página, os jornais publicam a seguinte notícia:

Deu-se ontem um caso de peste em Lisboa, mas, pelas providências adoptadas pelo senhor governador civil e chefes superiores da polícia, é de crer que ficará localizado, destruindo por completo os justos receios e alarme que tal facto pode produzir na população da capital.

O indivíduo atacado é o senhor Doutor Câmara Pestana.

Este distinto homem de ciência, que reside no campo de Santana, 118, chegara anteontem do Porto.

Ontem, ainda assistiu à reunião do Conselho de Higiene e às nove horas da noite adoeceu, revelando sintomas de peste bubónica.

O primeiro médico que o examinou foi o senhor Doutor Silva Carvalho, distinto subdelegado de saúde, o qual tomou logo todas as providências que o caso requeria, dando imediato conhecimento ao senhor governador civil, que mandou remover o doente e a sua família para o hospital de Arroios e ordenando o completo isolamento do edifício.

O fim de Câmara Pestana foi impressionante. Assim que lhe subiu à boca a primeira expectoração sangrenta, pediu uma luz. O Dr. Belo de Morais tentou dissuadi-lo, mas o doente instou. A luz veio e Câmara Pestana quis ficar a sós com o amigo. Então, com a maior calma, contou-lhe o que iria ser a sua morte, os sintomas que mostraria. Palpou-se, viu o peito e o pulso, e observou:

—Já foi infelicidade...

Depois, fez as suas disposições derradeiras. Lembrou-se da família e do Instituto que tinha fundado. A ambição era de que a biblioteca ficasse bem provida de livros.

—Muito te agradecia que fosses dizer à Rainha D. Amélia que a minha última vontade é que ela não deixe morrer esta obra.

(Conclui na 2.ª página)

Que é ser Escoteiro?

Um Escoteiro não é sòmente um rapaz ou um homem vistosamente uniformizado, que, equipado com uma mochila, uma vara e uma corda, escala e cruza incansàvelmente os vales e planícies. Um Escoteiro é isso e muito mais.

É um homem prático e bom cidadão, homem tenaz, consciente e fiel cumpridor dos seus deveres; ama profundamente o seu país e deseja todo o bem para os seus semelhantes, buscando oportunidade de lhes ser útil.

Mantém a sua pessoa fisicamente forte, mentalmente desperta e moralmente recta, fazendo quanto dele dependa para ser elemento de proveito na sociedade de que forma parte.

O Escoteiro é zeloso de sua honra e cumpre estritamente a promessa que faz confiar na sua palavra; pratica absoluta lealdade em todos os seus actos; vê um amigo em cada semelhante; é cortês sobretudo com os débeis; obedece a quem tem autoridade sobre ele; mantém-se sempre alegre, economiza os seus recursos; no seu corpo, nos seus sentimentos, na sua linguagem é sempre limpo e é fiel na sua religião. Sabe que se espera muito mais dele que de qualquer outro rapaz, e, portanto, tem de comportar-se de maneira que não dê lugar a que seja censurado ou denegrido o bom nome da sua Associação, à qual prometeu lealdade.

Quando alguém se encontra ferido, sabe como impedir a hemorragia e com delicadeza e cuidado ligará a ferida. Se alguém é tirado da água sem sentidos, o Escoteiro põe-se a trabalhar imediatamente para restituir a respiração e facilitar a circulação do sangue, sabendo que nestes casos não deve perder-se um instante.

Um Escoteiro nunca titubeia nos momentos de perigo, pois sabe que é nessa ocasião que deve ter mais

(Conclui na 2.ª página)

Câmara Pestana

(Conclusão da 1.ª página)

Entretanto, ia tendo mais tosse e recomendava cuidado. Ele próprio verificava como eram feitas as desinfecções. O Dr. Belo de Morais quis aplicar-lhe uma injecção intravenosa.

—Mas, para quê?—perguntou, com um sorriso desalentado, Câmara Pestana.

Estendeu o braço.

—Isso não serve de nada. Dêem-me oxigénio. Meu Deus, que horror! Estou aqui a apodrecer em vida...

Belo de Morais perguntou-lhe:

—Dize, Luís, se te falta alguma coisa aqui.

Câmara Pestana respondeu:

—Não. A CONSCIÊNCIA DO DEVER CUMPRIDO É O BASTANTE. Olha merece a pena ser bom. E eu era tão feliz. Paciência...

Ia tacteando o pulso, a temperatura:

—Quanto tempo demorará isto? Quantas horas ainda? Ah, que se eu pudesse urinar... Que grande serviço seria para a ciência fazer a análise. Nunca até hoje se conseguiu que um pestífero na agonia deixasse elemento para uma análise rigorosa.

Conseguiu o que ambicionava, e, com uma expressão satisfeita, disse ao colega:

—Já um estudo rigoroso e manda ao Dr. Roux, do Instituto Pasteur.

Os minutos passavam-se.

—O diafragma já me dá pulos. Hei-de ir até ao fim. Abram-me a janela de par em par...

Pouco depois, entravam alguns amigos, a despedir-se. A um deles, o Dr. Salimbem, o moribundo disse, em francês:

—Há casos, meus caros amigos, nos quais os meios empregados pelos padres hindus ou árabes e os métodos da ciência moderna dão o mesmo resultado. É o meu caso, como vêem... O agrupamento dos povos, a desinfecção das casas... Trabalhei sempre, durante dez anos, sempre, com a mesma orientação. Trabalhei sempre, meus caros amigos, sempre...

Assim acabou o Dr. Luís da Câmara Pestana, deixando um exemplo abnegado do cumprimento do dever.

II

El-Rei ficou muito impressionado com a morte do grande médico.

Lente de medicina, Câmara Pestana fizera as suas lições, demonstrando a superioridade da medicina experimental sobre a livresca. Afável no trato, impunha-se pela maneira como utilizava o material e fazia as explicações, A sua fama chegara a tal ponto que vinham ouvi-lo pessoas leigas em medicina. Não tendo os dons oratórios do Professor Sousa Martins, era, contudo, mais fluente em ideias.

D. Carlos, o rei desventurado, apressou-se a escrever uma carta ao seu Presidente do Conselho, Dr. José Luciano de Castro:

15-11-1899

Meu caro José Luciano:

Acabo de receber neste momento a tristíssima notícia da morte do Pestana. É meu desejo que tão depressa as Câmaras reúnam, o meu governo apresente às Cortes um projecto de lei concedendo uma pensão à mãe e à filha do sábio professor Pestana, vítima gloriosa do seu árduo dever.

E quero que assim seja porque é a Nação a quem cumpre prestar homenagem à memória de quem, em vida, tanto a honrou.

Teu amigo verdadeiro

EL-REI

Hoje, se os nossos irmãos-escoteiros forem visitar o Instituto Bacteriológico Câmara Pestana, verão numa sala dois retratos, que são duas extraordinárias obras de arte. Um, é da Rainha D. Amélia e representa-a em todo o esplendor da sua formosura e majestade. O outro, mostra-nos um homem ainda moço, moreno, de barba em bico, negra, os olhos animados de um extraordinário fulgor de inteligência e bondade.

É o Dr. Luís da Câmara Pestana.

Curvemo-nos, reverentes, ante a memória desse grande escoteiro de outros tempos. E ao evocá-lo, recordemo-nos de que em Portugal não tem havido sòmente heróis na guerra; há também uma longa teoria de heróis da Paz: o Patrão Lopes, o *Cego do Maio*, o Dr. Costa Carvalho, morto em Timor também num combate à epidemia, o Dr. Câmara Pestana ...

A sua vida fez dele um sábio. A sua morte tornou-o um santo...

MANUEL FERREIRA

O ESCOTISMO

e as Corporações de Bombeiros

No último informe publicado em «The Scout Executivo» do mês de Junho, aparece uma interessante informação sobre a forma como são patrocinados os Grupos de Escoteiros nos Estados Unidos da América do Norte. Das trezentas mil organizações nacionais ou locais de carácter cívico que existem na nação norte-americana, 11 % delas patrocinam 32.039 unidades escotistas.

Dando estas cifras por organizações, temos os seguintes interessantes dados: 50 % dos Clubes Rotários patrocinam 2.275 Grupos de Escoteiros; 48 % dos Clubes de «Kiwanis» patrocinam 1.875 unidades de Escoteiros; 47 % dos Clubes de Leões patrocinam 4.625 unidades, e 37 % das «Logias de Elks» patrocinam 656 unidades, etc.

Outras instituições que patrocinam Grupos de Escoteiros são os Clubes dos Optimistas e a Câmara Júnior de Comércio, esta última apesar de ser de recente desenvolvimento patrocina já 197 grupos de escoteiros.

Outro dado muito curioso é que as Corporações de Bombeiros patrocinam 1.400 unidades, o que é uma cifra respeitável.

Da «Revista Scout de las Americas» — Agosto de 1956.

NOTA — Em Portugal existem mais de 300 corporações de Bombeiros Voluntários, Municipais e Privativas e muitas organizações de Recreio e Desporto, porque não se pensa em organizar grupos de escoteiros nestas colectividades, tanto mais que podemos ter o patrocínio da Liga dos Bombeiros Portugueses, Federação das Sociedades de Recreio, etc.

Mãos à obra porque não falta matéria prima, o que falta é energia daqueles que deviam ajudar.

MAGALHÃES FERRAZ

Que é ser Escoteiro?

(Conclusão da 1.ª página)

expeditas as suas faculdades, seja quando se trate da sua própria salvação ou da dos outros. Tão-pouco ignora o que deve fazer-se no caso de incêndio, pânico e um sem fim de situações de emergência.

O Escoteiro evita o veneno do álcool e do tabaco e aparta-se de costumes que prejudicam o organismo e fazem degenerar o carácter.

Em suma: Trabalha para manter o seu corpo forte, o seu cérebro desperto e o seu espírito elevado.

Escultismo-México

Dois acontecimentos da vida militar do

General D. C. Spry

Conta a revista «Scout», dos Escoteiros de Cuba que, quando ali esteve o General Spry, actual Director da Repartição Internacional de Escotismo, lhes contou dois acontecimentos da guerra passada, no primeiro dos quais se pode verificar a formação escoteira do brilhante general; e no segundo um acto heróico dos caminheiros holandeses.

A Divisão Canadiana, do comando do General Spry (tinha então 31 anos apenas) estava sitiando Calais. Esta pequena cidade francesa, porto importante e o mais aproximado da costa inglesa, tinha ainda dez mil habitantes. Havia que bombardear e sacrificar essas vidas. Por isso, o general alemão e o general canadiano estabeleceram acordo e decidiram fazer cessar fogo durante uma hora a fim de se encontrarem e poderem organizar a evacuação da população. O General Spry dirigiu-se ao lugar designado, porém, o general alemão, velho militar de antiga casta, contentou-se em enviar dois oficiais, não querendo comprometer a sua dignidade falando com um jovem chefe.

O primeiro impulso do General Spry foi retirar-se, mas guiado por um sentimento de piedade, discutiu com os oficiais depois de ter reprovado a descortesia do seu General e concedeu-lhes, sobre as 48 horas solicitadas por eles, a metade, quer dizer 24 horas de armistício. Portanto foram evacuados os civis, graças aos numerosos camiões canadianos e levados à rectaguarda, onde foram amplamente reconfortados por fartas rações.

Ao cabo de 23 horas e não de 24, ajustando-se à hora alemã adiantada de 60 minutos, abriram fogo os alemães. Os canadianos responderam com um intenso bombardeio que reduziu a zero a resistência alemã e destruiu o quartel general. O General alemão teve de render-se e envergando o seu uniforme de gala, com todas as suas condecorações e colocado o monóculo no olho, adiantou-se para o General Spry com o braço estendido ao uso dos nazis. Não se atreveu a gritar: «Heil Hitler», mas lia-se essa palavra nos seus lábios. O General Spry voltou-lhe as costas e disse ao intérprete:

—« Quando esse oficial quiser dirigir-me uma saudação militar e não um gesto político, então recebê-lo-ei». Teve que passar por isso, e o General, todo empertigado, teve de entregar a sua espada ao jovem chefe em uniforme de campanha, e sofrer uma reprimenda pela falta de cortesia da véspera.

* * *

O segundo acontecimento passou-se, umas semanas mais tarde, em Nimegue, Holanda, onde as tropas canadianas estavam em grande perigo, isoladas nos meandros do Reno, cercadas por todos os lados pelas tropas alemãs em retirada. Não podiam contar com qualquer ajuda dos aliados, e cada soldado devia combater e não abandonar o seu posto.

Porém, os Caminheiros holandeses estavam ali e ofereceram os seus serviços. Foram eles os que asseguraram o enlace, organizando o tráfego e mantendo as comunicações com a rectaguarda, de onde vinham as munições e os víveres. — «Sem os Caminheiros, — dizia o General Spry — estávamos perdidos; graças a eles, levámos a cabo a nossa tarefa».

Não é este um esplêndido exemplo?

Sistema de Patrulhas

O Sistema de Patrulhas é a marca de distinção do treinamento pelo método Escoteiro. Não é algo aplicado com propósitos decorativos, como esses enfeites de bolo de casamento, nem coisa de que se possa lançar mão numa situação difícil como o Corpo de Bombeiros. Se um Grupo de Escoteiros não é conduzido pelo Sistema de Patrulhas, não é um Grupo de Escoteiros. Pode ser excelente em muitas outras coisas, pode estar cheio de Escoteiros de 1.ª Classe, ser um modelo em campismo e em trabalhos de pioneiro, porém, sem ter o Sistema de Patrulhas como força motriz, não é um Grupo de Escoteiros.

B.-P.

* * *

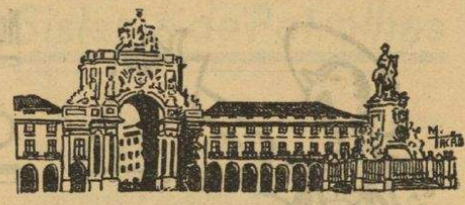
Todos sabemos que os rapazes normalmente se reúnem em bandos, como mais tarde os homens e mulheres se reúnem em clubes. Ainda recordamos a nossa meninice e a alegria e o partido que tirávamos de andar com o nosso pequeno bando, as coisas que fizemos, as fugas que executámos. A Patrulha é esse mesmo bando, mas organizado para o bem, para preparar o melhoramento do Grupo e da Causa Escoteira.

GILCRAFT

* * *

O subguia é um rapaz escolhido pelo guia para seu ajudante e para assumir a direcção da patrulha na sua ausência. É essencial à boa organização da patrulha que o guia e o subguia trabalhem em íntima colaboração. É por esta razão que o Chefe que escolhe os subguias, sem prèviamente consultar os guias, comete um erro inicial que poderá tornar-se mais tarde impossível de corrigir. O Chefe conversará certamente com o guia sobre a questão da escolha do subguia, mas se não conseguir convencer o guia com as suas razões, não deve servir-se da sua autoridade de Chefe para nomear um subguia contra a vontade do guia. O Fundador é de opinião de que a escolha do subguia se deve deixar pràticamente ao critério exclusivo do guia, ao qual se deve permitir que cometa os seus erros, se quiser.

ROLAND PHILIPPS



O ESCOTISMO NA CAPITAL

Grupo N.º 5

Este grupo realizou, de 1 a 17 de Setembro, o seu tradicional acampamento de férias, este ano estabelecido no sítio da Caldeira, em Tróia. Foi dirigido pelo subchefe Celso da Conceição Rodrigues e nele participaram 11 escoteiros e pessoas de família.

No dia 11, chegou ao acampamento o chefe Mário Fernandes e o escoteiro Larangeira, do grupo 93, tendo este animado muito os fogos de conselho.

Grupo N.º 85 — Lisboa

Acampamento de Férias

Este grupo realizou um acampamento de férias na mata da F. N. A. T. de 15 a 30 de Setembro passado. O repórter do «Sempre Pronto» foi ali no dia do encerramento. O acampamento tinha acesso por uma vistosa ponte levadiça construída pelos escoteiros sobre um fosso que eles próprios abriram. Viam-se dois grandes lampiões de bordo na entrada e um dístico, «Sede bem vindos», feito com bandeiras de sinalização marítima. O Chefe Ferraz acompanhou o nosso repórter a quem mostrou as instalações do campo: Uma cozinha bem montada, dispensa bem fornecida de sopas concentradas, conservas e latas de Milo, etc. Via-se ainda um relógio de sol e a rosa dos ventos feitos com as rodas do carro material, um calendário dos dias de campo preparado com conchas, uma ponte «Himalaia» com 12 m. de comprimento, duas mesas de jantar, sendo uma cavada no chão e outra montada no carro.

No centro do local destinado ao fogo de conselho, um mastro com as bandeiras nacional e do grupo.

O acampamento dispunha de sete tendas. Tinha montado um posto de transmissões com chaves de morse.

Encontravam-se em campo oito escoteiros e alguns dirigentes, tendo o chefe Ferraz informado que durante todo o acampamento se manteve essa média de presenças.

Nesse mesmo dia de manhã, o campo foi visitado pelo Escoteiro-Chefe-Geral, sr. Comodoro Daniel Duarte Silva, que apreciou os trabalhos dos escoteiros e felicitou o respectivo chefe.

Instrução náutica

Debaixo da direcção do instrutor de vela e remo Manuel Seno, começaram as provas de mar dos escoteiros deste Grupo.

No Vouga n.º 66, gentilmente cedido pelo sr. Coronel Leslie, vice-presidente da Direcção deste Grupo, têm os escoteiros praticado aulas de vela, saindo para o rio.

A nova Direcção está tentando adquirir mais barcos, tendo sido cedido pelo sr. Bernardino Correia um escaler com remos e velas para treino.

As aulas de marinharia são dadas na sede uma vez por semana, debaixo da direcção do Escoteiro-Chefe do Grupo.

Grupo «Pedro Álvares Cabral»

No fim de semana de 25 e 26 de Agosto passado, este grupo efectuou um acampamento no pinhal da Musgueira. Na noite de sábado, realizaram-se vários jogos escoteiros, dos quais saiu vencedora a Patrulha «Lobo».

No Domingo, houve exercícios de seguimento de pistas, homográfico e outros, dos quais saiu vencedora a patrulha «Lobo».



Novas assinaturas para o «Sempre Pronto»

Campanha Centenário de Baden-Powell

Desenvolve se a campanha para novas assinaturas do «Sempre Pronto» e o alvo proposto — 500 novas assinaturas — parece menos distante. A campanha começa a ter os seus heróis:

Sr. Joaquim da Rocha Saraiva, subchefe do Grupo 44 de Gaia, já propôs 10 assinaturas.

Sr. António Pestana, organizador do Grupo do Funchal, propôs já 9 assinaturas.

Sr. José Eduardo Pena Ribeiro, guia do Grupo 94, propôs 6 assinaturas.

Sr. António Pereirinha Pinto, subchefe do «Pedro Álvares Cabral», propôs 4 assinaturas.

Sr. Armando Inácio, guia do Grupo 94, propôs 3 assinaturas.

Sr. José de Jesus Ferreira, caminheiro do Grupo 10, propôs 3 assinaturas.

Sr. Fernando Sanches, guia do Grupo n.º 10, propôs 2 assinaturas.

Secretário do Grupo n.º 4, propôs 2 assinaturas.

Sr. Manuel Tacão Monteiro, subchefe do Grupo n.º 94, propôs 2 assinaturas.

Sr. Alberto Teixeira Brás, antigo-escoteiro, propôs 1 assinatura.

Sr. José Virgílio da Conceição, escoteiro do Grupo n.º 10, propôs 1 assinatura.

Adicionando mais 7 assinaturas entradas de outras origens, registámos já **50 novas assinaturas.**

A todos os proponentes serão entregues senhas para o sorteio de uma viagem a Madrid e 4 dias de estadia na bela capital de Espanha. Esclarece-se que a viagem a Madrid é contada a partir de Lisboa. Se o premiado residir noutro ponto do país e houver, por esse motivo, diferença no preço do caminho de ferro, essa diferença será a seu cargo. A viagem no C. F. português será em 3.ª classe e no C. F. espanhol em 2.ª classe.

À medida que as assinaturas forem pagas pelos assinantes, vão sendo distribuídos os valiosos prémios individuais:

2 assinaturas — Um exemplar da notável obra do Prof. António A. Dória, «Desporto, Cinema e Educação».

5 assinaturas (mais 3, portanto), Um apito de escoteiro.

10 assinaturas (mais 5, portanto). Um exemplar do livro «Provas de 2.ª Classe», do Chefe Léo Borges Fortes.

15 assinaturas, um exemplar do livro do prof. Floriano de Paula, «Para ser Escoteiro». 20 assinaturas, uma bússola.

Portanto, quem propuser 20 novas assinaturas receberá CINCO PRÉMIOS e poderá ainda ganhar a VIAGEM A MADRID.

Estes prémios individuais não tiram o direito aos óptimos prémios de patrulha. Recomendamos, portanto, aos proponentes de assinantes que nos indiquem as Patrulhas a que dedicam os prémios.

O proponente da 50.ª assinatura foi o sr. José de Jesus Ferreira, que terá, tal como aconteceu com a 25.ª, um prémio extraordinário — Um talher de campo. E o mesmo irá acontecer a quem propuser a 75.ª assinatura.

* * *

Precisamos de caminhar mais depressa para o alvo das 500 assinaturas. Apelamos para todos os nossos amigos para que nos ajudem. Sem a participação de todos os leitores do «Sempre Pronto» não alcançaremos o alvo da campanha. No último mês entraram 23 novas assinaturas. Em Novembro precisamos de duplicar este número. Mande-nos o leitor pelo menos uma assinatura!

SEJA, PORÉM, UMA VEZ MAIS ASSINALADO QUE ESCOTISMO NÃO É ESCOTISMO SEM O SISTEMA DE PATRULHAS.

E. E. Reynolds

Sistema de Patrulhas

O Sistema de Patrulhas pode adoptar-se e utilizar-se em grau maior ou menor, mas o essencial é que haja pequenos agrupamentos permanentes, cada um deles a cargo de um rapaz responsável, e que estes agrupamentos se organizem em Patrulhas de Escoteiros.

* * *

Há Chefes que dizem frequentemente: «Nomeei os meus guias como o Fundador deseja, mas não são capazes de dirigir as suas patrulhas senão em teoria. Na prática tenho eu de me incumbir da direcção». A resposta a isto é que o principal dever de todos os chefes da nossa obra é conseguir que os guias sejam capazes de dirigir as suas patrulhas.

* * *

Quando há-de o Guia dirigir? — A resposta é simples — SEMPRE. Ele dirige nos jogos como capitão da equipa (sendo a equipa, sempre que é possível, a patrulha). Ele dirige no trabalho, em todos os casos, fiscalizando, e tanto quanto possível instruindo. Ele dirige ainda como autoridade, tendo o privilégio de tomar parte no conselho de guias e sendo o presidente do conselho de patrulha, e também o organizador de provas de competição nos concursos de patrulhas.

* * *

O maior mérito do Conselho de Guias está em promover, melhor do que qualquer outra coisa, a aplicação do sistema de patrulhas e desenvolver o espírito de patrulha. Todo o guia sabe que é ele o responsável pela sua patrulha, mas nunca essa responsabilidade é tão vivamente sentida como na reunião de Conselho de Guias.

* * *

O espírito de patrulha quer dizer que cada um dos membros da patrulha sente que é parte essencial de um todo completo e uno — um corpo em que a cada membro cumpre executar o seu papel individual com o fim de se atingir a perfeição e plenitude do conjunto.

* * *

O Chefe nunca deve dar ordens aos escoteiros senão através dos guias. Os que afirmam que isto não dá resultado é porque não o experimentaram.

* * *

Os Chefes que adoptam a patrulha como unidade de preparação técnica fazem progressos extraordinàriamente rápidos em pouco tempo.

Roland Phillpps



AMIZADE

Quando Inácio enriqueceu inesperadamente por ter sido contemplado com o primeiro prémio da lotaria, a sua vida, até aí modesta, modificou-se.

Assim, com frequência passou a oferecer banquetes opíparos na sua residência ou em restaurantes caros. Outras vezes, fazia longos percursos de automóvel até ao estrangeiro. Claro está que aos jantares, espectáculos e passeios que Inácio proporcionava, não faltavam amigos, os amigos que sempre aparecem nas ocasiões de prosperidade.

Ora Inácio, quando era pobre, possuía um companheiro inseparável, o Mateus, seu condiscípulo na escola comercial e colega na Repartição. Mateus era seu verdadeiro amigo mas, ao ver o companheiro enriquecer, afastou-se, discretamente.

Inácio, ao encontrá-lo, verberava o seu procedimento:

— Oh, homem, não há quem te veja! Nunca mais apareceste desde que me saiu a sorte grande! Tenho dado tantos jantares, tenho-te convidado para tantas viagens... Porque não apareces?

Mateus respondia, invariàvelmente:

— Olha, Inácio, tu tens tido tantos amigos à tua volta que, certamente, eu não te faço falta. O que podes é ficar certo de que sou teu verdadeiro amigo...

— Duvido muito, Mateus...

— Um dia verás, meu caro Inácio. E até te vou dar um conselho: não gastes à doida, não assines sem ler e lembra-te sempre do dia de amanhã.

Inácio retorquiu:

— Tu, como nunca tiveste dinheiro, não avalias o que são mil contos. Mil contos são um milhão de escudos. Se eu nem sequer chego a gastar o juro.

E, de si para si, Inácio pensava:

—Se calhar o que tu tens é inveja de eu estar rico. Por isso, não me procuras...

O tempo passou-se. Inácio aplicou o seu dinheiro em negócios infelizes. Vítima da sua inexperiência e da má fé de alguns dos seus amigos, em pouco tempo se viu sem nada. Nem dinheiro, que desaparecera na voragem, nem emprego, pois havia pedido a sua exoneração ao ser contemplado com o prémio da lotaria.

Ao sabê-lo pobre, aqueles seus amigos que o acompanhavam nas horas de fortuna, fingiam, agora, não o ver. Foi, então, que, de entre a derrocada, surgiu, sempre discreto, o antigo condiscípulo:

— Aqui estou, meu caro Inácio. Verifico aquilo que, infelizmente, previra: que sou só eu apenas teu amigo. Onde estão aqueles a quem tu oferecias jantares e levavas a passear no estrangeiro? E os que te acompanhavam aos teatros, aos cinemas e outros divertimentos?

Inácio estava sucumbido diante de tais argumentos.

— Pois eu — continuou Mateus — que não comi os teus jantares, nem beneficiei dos teus passeios, nos tempos de fortuna, venho, agora, pôr à tua disposição a minha pobre bolsa e as relações que possuo a fim de te conseguir, o mais breve possível, uma colocação onde possas ganhar o pão de cada dia.

—Nem sei como te agradeça, Mateus. Como eu andava cego...

— Mais uma vez se confirma — continuou o amigo — o célebre soneto de Camilo. Mas podes estar certo de que não estás completamente só, pois, pelo menos, tens um amigo.

Assim foi. Mateus, com toda a sua boa vontade, bateu-se denodadamente pelo antigo condiscípulo. Os seus esforços foram coroados de êxito e, pouco depois, Inácio possuía um emprego.

—E eu que julgava que todos aqueles que me acompanhavam nos bons tempos é que eram os meus amigos — dizia para consigo o desiludido Inácio. — E cheguei até a fazer mau conceito de Mateus. Afinal, os outros agora nem sequer me conhecem.

Quando o via absorto em suas meditações, Mateus observava ao antigo companheiro de escola:

— Nunca esqueças, Inácio. Os nossos verdadeiros amigos não são aqueles que nos rodeiam nos bons tempos; são os que nos procuram e amparam nos revezes da fortuna.

MANUEL FERREIRA

Este número foi visado pela Comissão de Censura

Sistema de Patrulhas

É coisa excelente que cada patrulha tenha um «Conselho de patrulha» composto de todos os seus membros e o guia a presidir.

* * *

Se um Guia não se interessa por que a sua patrulha ganhe o concurso, há qualquer coisa que não está certa ou nele ou no seu Chefe: o espírito escotista de um deles precisa de tratamento médico.

* * *

O Guia de patrulha responsabiliza-se inteiramente pela ordem e disciplina da sua tenda, e no fim do acampamento a patrulha que conservou a tenda mais arrumada recebe geralmente qualquer prova de apreço.

ROLAND PHILIPPS

* * *

Para mim o importante é o valor da patrulha na formação do carácter. A patrulha deve ser um factor vivo no Grupo, não sòmente uma questão de forma.

* * *

A maior parte do adestramento dos rapazes deve fazer-se por meio da Patrulha e pelos Guias. Ainda que o Chefe tenha dúvida a respeito da eficácia dos Guias, deve delegar autoridade neles e deixar-lhes algumas responsabilidades, dando-lhes oportunidade de exercer autoridade. (...) Há que ter confiança nos Guias, se é que se deseja tirar resultados deles e das suas patrulhas.

GILCRAFT

* * *

A chave-mestra do Sistema de Patrulhas é o desenvolvimento de um senso de responsabilidade em cada Escoteiro.

* * *

O Sistema de patrulhas é, fundamentalmente, uma preparação de Cidadãos, uma vez que proporciona oportunidades para o planejamento de actividades e treino para a indicação de Guias e para o trabalho da Patrulha, pois as patrulhas é que constituem o Grupo.

E. E. REYNOLDS

* * *

Onde o Sistema de Patrulhas é aplicado devidamente, é absolutamente certo que produzirá bons resultados! Não pode ser de outro modo.

B.-P.



8 — O SISTEMA DE PATRULHAS, *por Roland E. Philipps. Trad. port. de J. F. Santos. Edições Flor de Lis. Lisboa. 1956. 60 págs. ilustr.*

A crítica deste livro está feita há muito. Mas é motivo para saudar jubilosamente a aparição da versão portuguesa, em linguagem sã e escorreita como todas as do ilustre Tradutor, sendo de lamentar apenas que só mais de 40 anos após a publicação do original inglês se reconhecesse a necessidade duma versão na nossa Língua. Como quer que seja, benvinda é ela, e oxalá que os nossos Chefes e os nossos rapazes, compenetrados dos seus princípios, sejam capazes de os aplicarem pràticamente e deles tirarem os benefícios que todos esperamos do Sistema de Patrulhas.

O mundo, em geral, atravessa talvez a crise moral mais grave de quantas a história regista, e no nosso país, em particular, não pôde deixar de reflectir-se essa crise, que ameaça transformar o Planeta num hospital de alienados, em que todos se encontrassem possuídos do Demónio do Gozo. Quebrados certos princípios morais eternos, tantos dos quais o Cristianismo reforçou, tudo leva e crer que, a não haver um arrepio na marcha convulsa da Humanidade, esta se precipitará no caos da vida animalesca, retrocedendo à era recuada do poder do mais forte e do domínio exclusivo dos instintos animais.

Como obstar à propagação do mal? Cabe aos responsáveis pelos destinos das pátrias remar contra a maré, proporcionando sã educação que, arredadas todas as doutrinas dum nacionalismo narcisista e estreito e tudo o que contribua para a inoculação do espírito militarista no ânimo dos rapazes, deles faça HOMENS conscientes, sãos fisicamente (mas sem pretensões a atletas olímpicos e profissionais), mentalmente sagazes e moralmente robustos, com uma noção elevada e precisa do Dever.

Depois cabe aos educadores — pais, mestres, sacerdotes, Chefes escoteiros, etc. — o dever de incutirem esses sãos princípios no ânimo dos jovens, para que estes abram enfim os olhos às realidades da vida e ponham os seus anseios num ideal de perfeição moral, que deve ser o orgulho de todo o homem.

Os nossos rapazes — não me canso de dizê-lo e de repeti-lo — sofrem ainda hoje, infelizmente, de defeitos congénitos, que os vários sistemas educativos que há um século vêm sendo ensaiados não têm conseguido corrigir e alguns dos quais chegaram a agravar.

O escotismo poderia ser a grande Escola Renovadora, se os seus Chefes se compenetrassem dos seus deveres e se deixassem penetrar dos princípios expostos por B.-P. no seu livro célebre e glosados por R. Philipps no livro agora vertido para Português. Mas, infelizmente, muitos dos Chefes apenas se deixaram seduzir pelo aspecto exterior, espectacular do Escotismo e viram na sua qualidade de Chefes um meio de darem largas ao amor do mando, latente em todo o português, que parece envaidecer-se quando se vê alçado a posições de comando, que breve o transformam num tiranete da pior espécie.

Rigorosamente interpretados e criteriosamente aplicados, os conselhos de R. Philipps poderão contribuir para limar as arestas do nosso carácter nacional e corrigir vícios e defeitos históricos, que parecem já ter criado raízes como instituições nacionais.

Fazemos votos por que o livrinho ora anunciado encontre entre Chefes e Guias a audiência que há mais de 40 anos encontrou entre os jovens de então, muitos dos quais, no limiar da velhice, se orgulham — hoje mais do que nunca — de serem ainda Escoteiros, Escoteiros da Idade Heróica, Escoteiros do Ideal.

O RATO SÁBIO

N. da R. — Nesta Secção faremos justa referência a todas as obras, mesmo sem carácter escotista e de qualquer género literário, de que nos sejam remetidos dois exemplares.

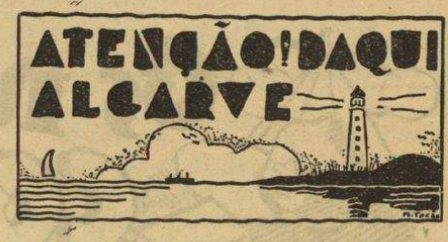
O que é preciso lembrar, porém, é que não há grupo nenhum, quer na cidade quer no campo, que não lucre funcionando segundo as directivas do Fundador.

ROLAND PHILIPPS

General Leo Borges Fortes

Este nosso prezado Amigo, membro do Conselho Inter-Americano de Escotismo, figura de prestígio do Movimento Escotista da Nação Irmã, foi promovido recentemente ao elevado posto de General de Divisão do Exército Brasileiro. A seu pedido, foi transferido para a reserva, após 30 anos de serviço activo.

Por este motivo, endereçamos-lhe um abraço de felicitações.



Grupo N.º 6 — Olhão

Para comemorar o 43.º aniversário da A. E. P., o Grupo n.º 6 realizou uma festa pública no seu campo de jogos. Por diversos motivos, incluindo o do mau tempo, a mesma festa só teve realização em 30 de Setembro, quando estava marcada para 8 do mesmo mês.

Na manhã daquele dia, as patrulhas fizeram transportar para o citado campo todo o seu material e deram início à instalação e ornamentação dos seus subcampos.

Às 9 horas, realizou-se a cerimónia de içar as bandeiras, sendo as honras prestadas por quase todo o efectivo do Grupo, incluindo os lobitos.

Às 4 horas da tarde, o campo foi aberto ao público que, apesar de ser dia de feira e de futebol, acorreu em número satisfatório. Então, formou-se um júri presidido pelo antigo Chefe do Grupo, Francisco Militão dos Santos, o qual procedeu à classificação dos subcampos. Esta foi muito difícil porque, realmente, todas as patrulhas se esforçaram por merecer os dois troféus a atribuir.

Viam-se entradas interessantes, algumas trabalhosas, feitas com bambus e varas, cozinhas, mesas, lavatórios, etc., especialmente, na Patrulha Tigre, um fogão elevado, parte feito com barro, que era a atracção dos visitantes.

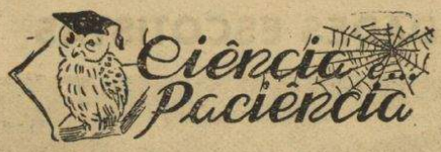
O júri resolveu atribuir a primeira classificação à Patrulha Tigre e, a segunda, à Águia. Mas esta equilibrava-se de tal maneira com as duas restantes Patrulhas, que foi resolvido conceder prémios iguais à Galo e à Andorinha.

Teve depois lugar uma festa de campo iniciada com uma série de jogos escotistas que entusiasmaram e, por vezes, divertiram a assistência. Em seguida, foram interpretadas várias canções. Então, chegou a altura da parte solene, tendo formado todo o Grupo em ferradura perante o mastro das bandeiras. O Chefe do Grupo fez várias considerações sobre o significado da festa, historiou resumidamente o começo do Escotismo em Portugal, referindo-se à fundação da Associação, e explicou o que ela significa para os Escoteiros de Portugal. Seguidamente, foram entregues distintivos de cargos a lobitos e a escoteiros, estrelas de antiguidade, galhardetes dos concursos «ASSIDUIDADE» e «HONRA E MÉRITO» (ambos ganhos pela Patrulha Tigre), diversos prémios, e fizeram a Promessa os novos lobitos João Pereira Leonardo, Manuel do Nascimento Casaca, Porfírio Cirilo dos Santos Santana, Francisco José Gomes de Sousa, Fernando Cirilo da Conceição Gouveia e Eduardo Faustino do Carmo Mateus, e o Compromisso dos novos escoteiros Manuel da Encarnação Sousa e Silva, Manuel Peres Pires Fernandes, Joaquim Baptista Calé, Ângelo Quintas Viegas e Rui Nunes Mourão.

A festa terminou com o arrear das bandeiras.

É necessário acentuar desde já que o Sistema de Patrulhas não é um dos métodos de se praticar o Escotismo de rapazes, mas sim o único método para isso.

ROLAND PHILIPPS



UM PROBLEMA DIFÍCIL

Carlos, desta vez, foi obrigado a confessar que não tinha sido feliz na resolução do problema. O caso fez sensação na patrulha «Veado».

João dispôs-se imediatamente a fornecer-lhe a solução.

— Ora, eu disse que o camponês, apartando 9 animais, ficava só com carneiros; presume-se, assim, que os porcos e as cabras somavam 9 animais. Se ele apartava 10, sobravam só cabras, donde se depreende que os porcos e carneiros totalizavam 10. Se ele apartasse 11, restavam os porcos; por conseguinte eram 11 os carneiros e as cabras. Temos, portanto, os seguintes dados.

E o João escreveu no quadro:

porcos	+ cabras	=	9 animais
»	+ carneiros	=	10 »
cabras	+ carneiros	=	11 »
	Total		30 »

— Este total de 30 animais — continuou o João — não é realmente o número de animais que o camponês possuía. No quadro, nós vemos repetido o nome de cada espécie de animais; isto quer dizer que esta quantidade se refere a dois contingentes de cada uma das espécies. Estás a perceber?

— Perfeitamente — respondeu o Carlos. — Vamos lá ver o resto.

— Ora, o camponês só possui, de facto, um contingente de cada espécie, ou seja um total de 15 animais (metade de 30). Volvendo ao que está escrito no quadro, reparamos que os porcos, juntamente com as cabras, perfazem 9 unidades, mas os mesmos porcos, juntamente com os carneiros, somam 10, do que se conclui que os carneiros são, em 1 unidade, mais numerosos que as cabras. Por outro lado, se os carneiros + porcos fazem 10 unidades e se os carneiros + cabras somam 11 unidades, vê-se que há a diferença de 1 unidade entre os porcos e as cabras, a favor destas. Ora, retirando 2 carneiros e 1 cabra do conjunto dos animais ficarão ali sòmente 12 animais, mas com a seguinte particularidade cada uma das espécies estará representada com igual número de cabeças, ou sejam 4 (12 : 3 = 4). Está, assim, o problema resolvido juntando aos carneiros os dois que se haviam retirado, teremos 6, e juntando às 4 cabras a outra retirada, teremos 5. Portanto, 6 carneiros, 5 cabras e 4 porcos são as cabeças de gado que pertenciam ao camponês.

— Está bem. Compreendi bem o teu raciocínio. Desta vez, ganhaste tu. Vamos a ver se consegues adivinhar este problema que agora te vou dizer. Um armazenista tinha duas pipas, cada uma com determinada quantidade de vinho. Um cliente prometeu comprá-las, desde que levassem ambas a mesma quantidade de vinho. O armazenista fechou o negócio e procedeu da seguinte maneira: pegou na 1.ª pipa e vasou uma quantidade de vinho na 2.ª igual à quantidade que já estava nesta pipa. Em seguida, vasou da 2.ª para a 1.ª uma quantidade de vinho igual à que tinha ficado na 1.ª. Por fim, vasou da 1.ª para a 2.ª uma quantidade de vinho igual à que estava então na 2.ª, ficando cada uma das pipas com 40 litros de vinho. Que quantidade havia em cada uma das pipas antes destas operações?

João tomou nota dos dados e prometeu trazer o quebra-cabeças resolvido na semana seguinte. Será ele capaz de o conseguir?

* * *

O escoteiro Fernando Sanches, do Grupo 10, de Lisboa, foi mais expedito que o Carlos, pois conseguiu encontrar a solução do problema. Apresentamos-lhe os nossos parabéns e prometemos enviar-lhe, oportunamente, a lembrança a que tem direito.

* * *

O Professor Lebofort, do Rio de Janeiro, enviou-nos, de além-Atlântico, a solução do problema publicado no nosso número de Julho passado. Agradecemos-lhe a sua colaboração nesta iniciativa, assim como as palavras amigas que nos dedicou. A sua resposta prova a expansão que «Um problema difícil» está tomando, índice do interesse que desperta.

CONFERÊNCIA DE GUIAS DE PATRULHA

Nos dias 7, 8 e 9 de Dezembro próximo, vai realizar se em Lisboa a I Conferência dos Guias de Patrulha dos Grupos Evangélicos de Lisboa, n.os 10, 53, 94 e «Pedro Álvares Cabral». Realizou-se já uma reunião de todos os Guias para escolha e distribuição de teses, bem como para eleição da respectiva Comissão Executiva. Esta ficou constituída pelos Guias José Eduardo Pena Ribeiro, do Grupo 94, Helder Martins, do Grupo 53, António Vaz Sabino e Camilo Calvelas, do Grupo n.º 10, e António Vieira Pinto, do Grupo «Pedro Álvares Cabral».

A Comissão Executiva elaborou já o programa, que é o seguinte.

Dia 7, à noite, realiza-se a sessão inaugural. Usará da palavra o presidente da Comissão Executiva, Guia José Eduardo P. Ribeiro e o Chefe Samuel Vieira. O tema da conferência será «O Guia de Patrulha, sua responsabilidade no Escotismo».

No dia 8, às 9.30 horas, realizar-se-á a primeira reunião de trabalhos. Serão apresentadas as seguintes teses: Poderão os Guias colaborar entre si?, O Guia e a disciplina na Patrulha, Os Guias e a camaradagem na Patrulha, respectivamente pelos Guias Armando Inácio, Vaz Carvalho, e Fernando Sanches.

Na segunda sessão de trabalhos, às 15.30: A vantagem do Conselho de Patrulha, A Patrulha e a Família, O Guia e o Espírito de Patrulha, respectivamente pelos Guias Vaz Sabino, Helder Martins e António Pinto.

Na terceira sessão de trabalhos, às 21.30 horas: Como desperto o entusiasmo na minha Patrulha, A Patrulha nos Jogos, O Guia e a Patrulha no Campo, pelos guias Camilo Tomás Calvelas, Armando Morais e José Lisboa.

No Domingo, às 15.30, realiza-se a última sessão de trabalhos e de encerramento. O Guia José Eduardo P. Ribeiro apresentará a tese «O Guia e os deveres religiosos dos seus escoteiros». Será feita a leitura das conclusões e o Chefe Armando Lino encerrará a Conferência, dirigindo a palavra aos Guias.

Seguir-se-á um jantar de confraternização entre guias e chefes e, à noite, efectuar-se-á um culto de acção de graças pelos trabalhos da Conferência, pregando o Rev. Dr. M. Conceição Jr.

Vão ser convidados os guias de todos os grupos de Lisboa e as chefes de equipas, das guias de Portugal, para assistirem como observadores aos trabalhos. A sessão inaugural e o culto de encerramento serão públicos.

• • o • •

Não é o grupo que está dividido em patrulhas, MAS SÃO AS PATRULHAS QUE FORMAM O GRUPO.

PIERRE SAINDERICHIN

O Escotismo e o III Congresso da Juventude Evangélica Portuguesa

De 5 a 7 de Outubro passado, realizou-se em Lisboa este Congresso, no qual participaram muitos evangélicos de Lisboa e da Província, bem como uma numerosa representação da juventude espanhola, outra da alemã e ainda delegados de outros países.

Os grupos de escoteiros e de guias evangélicos foram convidados para participar nas sessões de abertura e de encerramento, tendo comparecido com as suas bandeiras. Na sessão de encerramento, reuniram na P. Marquês de Pombal e desfilaram até à Rua Filipe Folque, local da reunião.

Durante os trabalhos, foi apresentada pelo sr. Abel Rodrigues uma tese sobre «Os acampamentos e a juventude», na qual o seu autor analisou os benefícios da vida ao ar livre e as oportunidades que ela oferece para uma útil orientação educativa e espiritual da mocidade.

Em consequência desta tese e por proposta do sr. Guido Waldemar de Oliveira, foi aprovado um voto de muito apreço pela obra dos Campos Bíblicos, dos Escoteiros e das Guias Evangélicos.

A apresentação dos Escoteiros e das Guias e a sua numerosa representação na sessão de encerramento, despertou muita simpatia entre os numerosos congressistas.

• • o • •

Dos amigos do "SEMPRE PRONTO"

De luto — Encontram-se de luto os nossos estimados amigos srs. Fernando Paulo da Luz e Silva, antigo-escoteiro, e Fernando Lino, assinante dedicado do nosso jornal, pelo falecimento de seu pai e sogro, sr. Joaquim Silva, ocorrido em fins de Setembro passado. Apresentamos-lhes, bem como a suas famílias, condolências sentidas.

● Pelo falecimento de seu avô materno ocorrido em 24 de Outubro passado, encontra-se de luto o nosso estimado amigo Chefe Idílio Gonçalves, do Grupo Pedro Álvares Cabral, a quem apresentamos, bem como a seus pais, condolências muito sentidas.

• • o • •

Ora faça o favor de rir...

Médico: — *Com certeza que já consultou alguém sobre o seu padecimento antes de vir ter comigo.*

Doente: — *Sim, senhor doutor, falei com o meu farmacêutico.*

Médico: — *Não faço ideia do disparate que ele lhe teria aconselhado.*

Doente: — *Disse-me para vir consultar V. Exª, senhor doutor.*

* * *

Um saloio que tinha só uma orelha, sentindo-se mal do outro ouvido, foi consultar um especialista.

Este, depois de examiná-lo, declarou:

— O seu mal é um tanto grave: tem de se lhe cortar a outra orelha.

— Ó sr. doutor, tenha dó de mim. Se me cortam a orelha fico sem ver nada.

— Sem ver nada !!! ? Mas que têm a ver as orelhas com a vista ?

— Ó sr. doutor, é que se me cortam a outra orelha, não tenho onde sustentar o barrete e este cai-me sobre a vista e fico sem ver nada...

• • o • •

FAUSTINO LEITÃO

Este nosso caro companheiro de trabalho, que, como noticiámos, se encontra internado numa enfermaria do Hospital de S. José, conquistou já boas melhoras, o que nos faz esperar que em breve teremos de novo o prazer da sua companhia, que sinceramente desejamos.

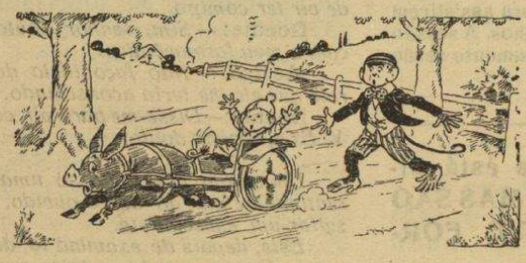
MÁQUINAS DE ESCREVER
SOMAR E CALCULAR
NOVAS E USADAS
VENDAS COM FACILIDADES DE PAGAMENTO
ALUGUER DE MÁQUINAS DE ESCREVER
OFICINA DE REPARAÇÕES
COM PESSOAL ESPECIALIZADO
ORÇAMENTOS GRÁTIS
QUINTINO, L.DA
RUA DA PRATA, 141, 2.º
TELEF. 36 73 73
LISBOA

AVENTURAS DE FIFI

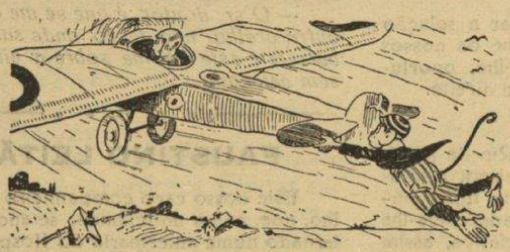
XIII



Fifi está na província em gozo de férias. Vamos lá ver se ele se porta com juízo. Mas parece-nos que não. Ei-lo aqui atrapalhado. Quis armar-se em cavaleiro e agora é capaz de ir estatelar-se no chão. O cavalo também é muito bravo.



Não há dúvida de que o nosso herói é engenhoso. Arranjou uma carrocinha e atrelou o porco. Não vá acontecer algum desastre ao irmãozinho.



A curiosidade excessiva dá, muitas vezes, mau resultado. E desta vez... Se o aviador não tivesse descido imediatamente, nunca mais veríamos o nosso amigo Fifi. Isto é que ele é travesso.

ACTUALIDADES ESCOTISTAS



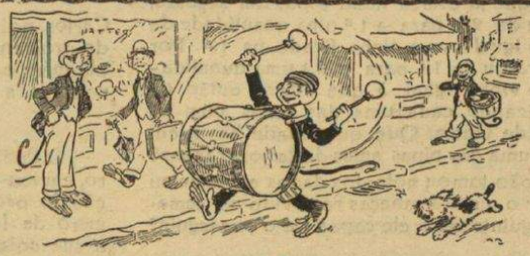
O Subsecretário da Educação Nacional, sr. dr. Baltasar Rebelo de Sousa, acompanhado das autoridades civis e militares do Porto, e dos dirigentes escotistas das duas Associações, visita o campo dos Escoteiros de Portugal no Acampamento Nacional do C. N. E., em Avintes



Durante a cerimónia do encerramento do Acampamento Nacional do C. N. E., o sr. comandante Coutinho Lanhoso, acompanhado dos chefes rev. Vidal Vieira dos Santos, delegado do «Sempre Pronto» no Norte, e Arnaldo Eduardo Couto, entrega aos dirigentes da associação irmã uma lembrança dos Escoteiros de Portugal, uma artística caravela em filigrana.



Em frente do Pavilhão dos Desportos, os escoteiros e as guias dos grupos evangélicos de Lisboa desfilam a caminho da sessão de encerramento do III Congresso da Juventude Evangélica Portuguesa.



Nesta imagem nota-se nitidamente o bom-humor de Fifi. «Viva a alegria!» é o eco que se desprende daquela algazarra. Mas o certo é que as outras pessoas lhe acham graça e gostam do Fifi. O cãozinho é que não está muito satisfeito...